

EM CAMPO CONTRA O INIMIGO VERMELHO: A IGREJA CATÓLICA NA DISPUTA PELA SINDICALIZAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS NO CEARÁ¹

Jovelina Santos²

Durante as primeiras décadas do século XX, influenciada pela doutrina social apresentada pelo Papa Leão XIII na Encíclica *Rerum Novarum*³, e movida pela premente necessidade de reelaboração e articulação de uma proposta que pudesse responder satisfatoriamente às exigências e desafios do mundo moderno, a Igreja Católica no Brasil pôs em prática um projeto político e social de natureza doutrinária entre os trabalhadores urbanos e rurais, disputando com outros grupos – de modo particular os anarquistas, socialistas e comunistas – a orientação e direção das organizações de trabalhadores e que mais tarde seria incorporado às estratégias da Ação Católica Brasileira, se expandindo por todo o país.

Entre as diversas organizações constituídas sob a influência da Igreja Católica estão os círculos operários católicos⁴, que se transformaram na mais eficiente intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho para o período em estudo. Embora a historiografia circulista apresente 1932 como o ano de fundação

¹ Este texto é uma versão modificada do segundo capítulo “Atuação circulista no meio rural: rumo à sindicalização” da minha dissertação de mestrado intitulada *Círculos Operários no Ceará: instruindo, educando, orientando, moralizando (1915 – 1963)*, submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2004 (com apoio da FUNCAP).

² Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³ LEÃO XIII, Papa. *Encíclica Rerum Novarum de sua Santidade o Papa Leão XIII*. Imprensa Nacional, 1941. Edição comemorativa do cinqüentenário de sua publicação.

⁴ Sobre os círculos operários no Brasil Ver: ALMEIDA, Paulo Roberto. *Círculos Operários Católicos: práticas de assistência e de controle no Brasil*. São Paulo, 1992. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; BARBIAN, Hilário. *Círculo Operário e sindicalismo em Ijuí-RS (1932-1946)*. Florianópolis, 1991. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina; BARRETO, Álvaro. *O movimento operário rio-grandense e a intervenção estatal: a FORGS e os círculos operários (1932-35)*. Porto Alegre, 1996. Dissertação. (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; BRANDÃO, Berenice. *O movimento católico leigo no Brasil: as relações entre Igreja e Estado 1930-37*. Rio de Janeiro, 1975. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense; DIEHL, Astor Antônio. *Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-político (dos anos 30 a 1964)* Porto Alegre: Edipucrs, 1990; RAUCH, Urbano. *Formação de lideranças entre os trabalhadores. Os Círculos Operários*. In: SCHÜHLY, Günther; KÖNIG, Hans Joachim; SCHNEIDER, José Odelso. *Consciência social – a história de um processo através da doutrina social da Igreja*. São Leopoldo: Unisinos, 1995; SCHNEIDER, José Odelso. *O operariado brasileiro e os círculos operários*. Síntese Política Econômica Social. São Paulo: Loyola, v. 7, n. 27, jul. set. 1965; SOUZA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos Operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002; TAMBARA, Elomar. *Círculo Operário e Igreja: a formação da classe trabalhadora*. In: GHIGGI, Gumercindo; TAMBARA, Elomar; HYPOLITO, Álvaro. *Trabalho, conhecimento e formação do trabalhador*. Pelotas: UFPEL/Mundial, 1993;

dos círculos operários no Brasil e o município de Pelotas/RS como o lugar de seu nascimento, no Ceará essa organização surge em 14 de fevereiro de 1915, em Fortaleza, capital do estado, sob a direção e orientação do padre Guilherme Waessen. Sobre o significado da atuação circulista no processo de cristianização do mundo do trabalho Júlia Miranda afirma que esta foi:

... a mais significativa iniciativa da Igreja, no sentido de abrir espaço entre o operariado cearense. Seu diretor, padre Guilherme Waessen, consegue se articular com os sindicatos e prepara o caminho para a criação, em 1925, da Federação Operária Cearense, precursora da Legião Cearense do Trabalho, que será criada em 1931 pelo tenente Severino Sombra e contando com a liderança incontestada do padre Helder Câmara⁵.

Embora os documentos consultados se refiram à criação do Círculo Operário Católico de Fortaleza como projeto da ação social desenvolvida pela arquidiocese da capital cearense, antevendo o agravamento da questão social, observa-se que esses discursos são elaborados a partir de uma nova conjuntura caracterizada pelo embate sistemático entre as classes sociais. Em suma, foi somente a partir da década de 1920, com a constituição de grupos vinculados ao ideário comunista ou mesmo ao socialismo libertário que os Círculos Operários no Ceará arregimentaram-se para combatê-los.

Em Camocim, município portuário, já se presenciava em fins de 1920 a circulação das idéias anarquistas e comunistas entre os trabalhadores. O estudo de Carlos Augusto sobre a militância comunista em Camocim aponta o surgimento do Círculo Operário “*como uma opção organizativa do operariado “cristão”, disputando os trabalhadores com os sindicatos onde se desenvolvia uma base da militância comunista*”⁶. Para Agenor Soares e Silva Jr⁷, o surgimento do Círculo em Sobral, em 1921, está associado à relação entre esse município e o porto de Camocim, fato que propiciava o intercâmbio e a disseminação das idéias comunistas e anarquistas. Agenor Soares explica que tal situação era motivo de grande preocupação para a Igreja Católica, instigando-a para a fundação do Círculo Operário. No entendimento e perspectiva do clero local, esta organização cuidaria da disciplina dos trabalhadores locais, inculcando-lhes valores morais e fornecendo-lhes assistência material de modo a mantê-los afastados da “perniciosa” ideologia comunista.

Outro aspecto que merece uma observação mais acurada a respeito do circulismo, diz respeito à sua historiografia, uma vez que os trabalhos realizados tratam quase

⁵ MIRANDA, Júlia. *O Poder e a Fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza, Edições UFC, 1987.

⁶ SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE. 1927 – 1950*. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 160 p.

⁷ SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. *A cidade disciplinada: a Igreja Católica e os trabalhadores urbanos em Sobral – Ceará (1920-1925)*. Recife, 2002. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco.

exclusivamente dos círculos operários localizados nos municípios industrializados – mesmo que essa atividade fosse ainda incipiente. Contudo, isso não significa que essas organizações tenham se desenvolvido apenas nos centros urbanos onde ocorria o trabalho fabril. No caso do Ceará, os círculos operários se estenderam por quase todos os municípios interioranos onde predominava a atividade agrícola, sendo, portanto, a maioria de seus associados composta por trabalhadores rurais. No ano de 1953, no intuito de publicizar o vigor do circulismo cearense, a Federação dos Círculos Operários do Ceará divulga uma relação destas organizações no Estado: eram ao todo 88 círculos operários, sendo que 18 círculos operários se encontravam na Capital e os outros 70 estavam localizados nos municípios do interior⁸. O projeto circulista se expandiu para um meio constituído majoritariamente por trabalhadores rurais. Verifico que, para essa categoria de trabalhadores, constantemente prostrada pelas secas, sem acesso à educação, saúde e outros serviços básicos, os círculos operários elaboraram um programa assistencialista, com forte conteúdo doutrinário, assentado na caridade e no ideal de justiça cristã. Estabeleceram com o Estado uma articulação similar à que foi constituída entre este e os círculos encravados nas grandes cidades industrializadas ou em processo de industrialização.

Quanto à composição social dos círculos operários esta era bem diversa das demais organizações de trabalhadores. Combatendo sistematicamente a luta de classes e propondo a harmonia entre os homens, a organização circulista, de modo geral, associava indivíduos de diferentes classes sociais. Mesmo que algumas destas entidades congregassem basicamente trabalhadores de uma mesma categoria profissional, como é o caso do Círculo Operário Ferroviário, cujos membros, como o próprio nome indica, eram majoritariamente trabalhadores da Rede Viação Cearense (RVC) e do Círculo Operário de Mucuripe, com o quadro de associados composto de pescadores, o mais comum era encontrarmos o quadro de associados constituídos por diferentes categorias sócio-profissionais (agricultores, comerciantes, industriais, profissionais liberais e outras). A idéia de colaboração entre patrões e operários para a promoção da harmonia social era muito cara ao circulismo, pois entendiam que essa proposta se opunha frontalmente ao discurso e ação dos *inimigos vermelhos*. Desta forma nos momentos de tensões sociais os circulistas admoestavam aqueles que colaboravam para o acirramento das relações conflituosas fortalecendo seus opositores:

*(...) lamentamos constatar o fato de patrões que concorrem com atitudes injustas e impensadas. (...) para que se gere um ambiente de rebeldia, capaz de determinar uma greve, aproveitada pelos traidores comunistas, para perturbar as relações de colaboração que devem existir entre o capital e o trabalho*⁹.

⁸ A FORTALEZA, ano III, n. 139, 26 jul. 1953.

⁹ A FORTALEZA, ano I, n. 3, 16 set. 1950.

No Ceará, durante a década de 1950 a Igreja Católica se organizou para promover um grande embate na disputa pela organização e orientação dos trabalhadores rurais, se amparando nos círculos operários como instrumento de intervenção. Os circulistas cearenses se prepararam para intervenção nos programas de sindicalização rural, com a organização da ELIRUR (Escola de Líderes Rurais) e promoveram um combate sem tréguas às idéias e propostas comunistas. Logo nos primeiros anos da década de 1950, encontro registros da intensa atividade anticomunista desenvolvida pelos Círculos Operários em todo Estado, sob a coordenação da Federação dos Círculos Operários no Ceará (FCOC).

É também em 1950 que surge o jornal circulista *A Fortaleza*, sendo através deste que a Federação chega aos mais distantes Círculos Operários. É importante acrescentar que esse jornal – principal órgão da imprensa circulista cearense – travou um combate implacável ao comunismo, apresentando-o como principal adversário dos trabalhadores cristãos. Nessa perspectiva sua face conservadora é visível em todas as páginas do semanário. A ação doutrinária revela a natureza e o propósito do projeto político-teológico formulado pela Igreja Católica, como instrumento de controle e disciplina com o fim de organizar os trabalhadores nos moldes traçados pelas encíclicas sociais. Seguindo as orientações do assistente eclesiástico – membro do clero cuja presença era obrigatória na direção do círculo operário – as organizações circulistas, assinavam o jornal e passavam a comungar no nível político, das preocupações, diretrizes e programas agendados pela FCOC, cujo alvo de combate eram os comunistas.

No III Congresso dos Círculos Operários do Ceará, ocorrido entre 18 e 21 de dezembro de 1952, Três temas foram agendados para discussão no III Congresso: os Círculos Operários e a Reforma Agrária; os Círculos Operários e os Sindicatos; os Círculos Operários e a assistência social. Em relação ao tema da Reforma Agrária, foi firmado em uma das resoluções do III Congresso que os círculos deveriam cooperar com o governo na fase de preparação e execução da reforma agrária por meio de inquéritos, cursos de informação, pleiteando junto aos legisladores, a exploração das terras irrigáveis nas bacias dos açudes públicos. As resoluções do Congresso demonstram uma especial preocupação com a questão agrária e as estratégias da cúpula circulista para atuar no processo de sindicalização dos trabalhadores de maneira organizada e planejada, pois o propósito de elaborar uma política sindical, estabelecer a aproximação com as entidades sindicais existentes, instrumentalizar as possíveis lideranças que atuariam na organização de sindicatos urbanos e rurais já se configurava desde o início de 1952.

Os longos períodos de estiagem instigavam os trabalhadores a reivindicar outro olhar para as regiões mais afetadas, propondo a adoção de políticas públicas voltadas para o interesse dos trabalhadores do campo. O depoimento do presidente do Círculo Operário de Porangabuçu, Manuel Cavalcante, indica a preocupação com a política governamental em vigor e a crescente necessidade de alterar-lhe o rumo. Na matéria intitulada “*O nordeste não pede esmolas*” o circulista indaga:

O que adianta se construir açudes, se não há irrigação, e se este tem peixe, não se deixa o povo pescar, fazer estradas

*e não conservá-las, muitas vezes deixando-as por terminar. Incentivar as plantações pelos agricultores pobres, se não lhes dão as sementes e as ferramentas?*¹⁰

O depoimento é um demonstrativo da noção que os trabalhadores tinham acerca dos programas governamentais destinados às regiões afetadas pela seca. As chamadas “*frentes de serviço*”, que com míseros salários, ocupavam os trabalhadores na construção de estradas e açudes, com o objetivo maior de favorecer os grandes proprietários com obras financiadas pelos cofres públicos e evitar que a grande massa de flagelados, tangidas pela fome, violasse a propriedade e alterasse a ordem pública. Além de criticar a falta de políticas públicas voltadas para os problemas do homem do campo, os Círculos reclamavam, com insistência, a implantação de um plano de assistência previdenciária que contemplasse os trabalhadores rurais, com a aprovação de leis que os protegessem da superexploração e os amparassem quando na ocorrência do desemprego ou mesmo quando estivessem enfermos.

Os Círculos faziam a denúncia do alto custo de vida, considerando que a gravidade da situação assemelhava-se a uma “*servidão pior do que a característica da Idade Média, quando o sistema econômico era outro*”. Num artigo que apresentava o trabalhador rural como “*Homem-chave*”¹¹ no desenvolvimento econômico do país, o êxodo rural era concebido como consequência nefasta da “*servidão*” e o pauperismo impostos aos trabalhadores do campo. Lamentando a inércia dos governantes, o articulista alerta que em face do êxodo, as atividades rurais entram em decadência jogando na miséria um grande contingente de seres humanos.

Firmados nos princípios cristãos, os círculos operários não se eximiam do dever de denunciar as condições miseráveis em que se encontravam os trabalhadores nos serviços de emergência e dos que sem esperança, migravam para a Amazônia e outros estados, buscando melhores meios de sobrevivência. Eram atos de solidariedade entrelaçados com reivindicações endereçadas aos poderes públicos. Um circulista de Morada Nova, município situado no Vale do Jaguaribe, em carta publicada n’*A Fortaleza*, exprime sua indignação ao relatar a situação dos trabalhadores nos programas de emergência do Estado. Para dar força a denúncia vale-se das “*imagens aterrorizantes*” dos campos de trabalho forçado na Rússia. Essas imagens eram constantemente veiculadas pelos movimentos conservadores, para que os trabalhadores repudiassem o regime comunista. Valendo-se desse instrumento veja-se o teor de sua declaração:

(...) Existe um serviço de emergência da rodovia de Morada Nova a Cristais, mas é considerado como sendo pior do que um campo de concentração da Rússia Soviética. Os operários são uns miseráveis indefesos, seus gemidos ficaram sucumbidos entre quatro paredes. Os prisioneiros

¹⁰A FORTALEZA, ano III, n. 121, 19 mar. 1953.

¹¹A FORTALEZA, ano VIII, n. 381, 18 out. 1958.

*de um campo de concentração moscovita são mais bem tratados que nossos irmãos*¹².

Para confirmar a fidedignidade das informações contidas na denúncia, o circulista informa que elas se baseiam nos depoimentos de pessoas associadas ao Círculo e que trabalham no serviço de emergência. Ao comparar os acampamentos e a situação em que se encontravam os trabalhadores cearenses com os “*campos de concentração da Rússia Soviética*”, pretendia sensibilizar a opinião pública ante o sofrimento por ele retratado, e ao mesmo tempo disseminar a propaganda anticomunista.

Além da preocupação com o êxodo e as “*marchas de fome*”, as organizações circulistas inquietavam-se com a penetração dos comunistas no interior do Estado. A investida comunista apresentava a reforma agrária como programa de luta, atraindo, para o seu seio, os trabalhadores do campo. Frequentemente encontrava-se n’*A Fortaleza*, notas convocatórias aos circulistas do sertão para lutarem contra os comunistas nos municípios interioranos. Afirmavam os editores do jornal que os comunistas aproveitavam a situação da seca para “...*incitarem o ódio*”¹³ e queixavam-se da falta de atitude do governo, pois 1953 era o terceiro ano de seca consecutiva, criando assim, na opinião dos dirigentes circulistas, um clima propício ao estabelecimento da desordem que seria incitada pelos “*vermelhos*”.

Diante de qualquer agravamento da crise econômica, os circulistas mostravam-se temerosos com a possibilidade de agitações sociais. Em fins de 1958, a situação no país era bastante crítica. No caso do Ceará que atravessava uma seca das mais dramáticas, os problemas sociais eram ainda mais assustadores. Retratando a situação da época e comparando a crise econômica a uma “*doença pertinaz*”, um articulista d’*A Fortaleza* escreve, que no Ceará, havia um ambiente irrespirável, pelas conseqüências da seca que ainda perdurava, pois embora o governo federal tivesse vindo em socorro com obras de emergência “... *com um terço da população reduzida a condição de flagelados, é impossível evitar o espectro da miséria, que pode ser sentido nas ruas centrais de Fortaleza, onde famílias inteiras se abrigam e vivem à sombra de ficus benjamins*”¹⁴

As majorações dos preços do pão e das passagens nos transportes coletivos, em fins de 1958, trouxeram, em marcha, estudantes e entidades sindicais para as ruas de Fortaleza. As manifestações culminaram com depredações de estabelecimentos de panificação e transportes coletivos. Defronte à Assembléia Legislativa os manifestantes pretenderam levar aos deputados as reivindicações do povo, mas foram violentamente barrados pela polícia. A Federação dos Círculos Operários em nota oficial justifica a insatisfação popular, contudo alerta que o povo está sendo insuflado por “*elementos comunistas*” que primam pela desordem social. Solicitando providências ao presidente da República e aos representantes do povo, os assinantes da Nota - Eusébio Mota Alencar e Pe. Arimatéia Diniz – respectivamente, presidente e assistente eclesiástico da Federação, concluem convocando os circulistas a não

¹²A FORTALEZA, ano IV, n. 166, 07 fev. 1954.

¹³A FORTALEZA, ano III, n. 119, 01 mar. 53.

¹⁴A FORTALEZA, ano VIII, n. 384, 08 nov. 1954.

apoiar as “*medidas violentas*” e pacificamente, aguardar as providências dos poderes públicos¹⁵.

Noticiando e denunciando a situação dos trabalhadores em vários municípios, os Círculos Operários, através de sua imprensa, intentavam criar uma rede de solidariedade, fortalecer o movimento, ou pelo menos, mantê-lo em atividade, haja vista que com a crise, conforme indiquei antes, os Círculos ficavam com um reduzido número de sócios e muitos dos programas sociais inativos. Para sensibilizar os governantes, circulistas dos municípios interioranos, os que mais duramente foram penalizados pela seca, fazem longa narrativa da situação dos trabalhadores e suas famílias. A fome, a indignação e a penúria permeavam a descrição do quadro social que tomava a aparência de uma grande tragédia humana. Um circulista de Sobral assim descreve a situação do povo nesse município, já em fins de 1958:

*O povo está esfomeado, sub-alimentado, entregue a própria sorte, sem recurso algum para minorar a aflitiva situação em que se encontra. (...) o drama violento se desenrola nos casebres infectos onde vegetam criancinhas inocentes, sujas, esqueléticas, doentes, sem pão e sem leite, chorando com fome*¹⁶.

Embora compreendendo que o povo vivenciava uma situação dramática, e mesmo assentindo que a crise econômica tenha levado a população a atos extremos, a hierarquia circulista em nenhum momento apóia tais manifestações. Ao contrário, sua posição encontra eco junto a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, representada no Ceará pelo delegado Antônio Alves Costa. Esta entidade, também em nota oficial, desaprova o ato promovido por estudantes e sindicalistas, e informa que há um memorial subscrito por vários sindicatos, que se dirigindo aos órgãos competentes pedem providência para sanar a situação. Entendendo que esta é a única via de reivindicação, a CNTI afirma que essas ações são antipatrióticas e comprometem o nome dos órgãos sindicais e o “*conceito ordeiro dos trabalhadores cearenses*”¹⁷.

Os conflitos sociais neste período causaram uma grande apreensão. No semanário circulista não faltavam artigos tratando da “*sublevação das massas*”, da “*desmoralização das autoridades*” e do “*descrédito das instituições*”. O jornal veiculava ainda informações acerca da situação em nível nacional, registrando a mobilização dos trabalhadores em defesa do congelamento dos preços. Reforçando o perigo que se instalara frente ao agravamento dos problemas sociais, *A Fortaleza* alerta que os acontecimentos do momento estão deixando atônitos todos que desejam a paz social, pelas conseqüências imprevisíveis que podem ter, porque:

¹⁵Nota Oficial da Federação: *A crise econômica e os trabalhadores*. Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

¹⁶A FORTALEZA, ano VIII, n. 389, 13 dez. 1958.

¹⁷Nota Oficial da CNTI, assinada por Antônio Alves Costa – Delegado da entidade no Ceará. A nota foi divulgada n’A Fortaleza, ano VIII, n. 386, 22 nov. 1958.

*Por incrível que pareça, chegou-se mesmo à concitar oficiais e praças da Polícia Militar a sair às ruas, de armas nas mãos, para derrubar o governo! Conclamou-se ao levante, onze mil flagelados, abrigados na Hospedaria Getúlio Vargas, numa irresponsabilidade estarrecedora*¹⁸.

Insistindo sobre o perigo que representavam os propósitos comunistas e procurando instigar o governo a tomar atitudes cada vez mais repressivas, *A Fortaleza* divulga um documento cuja autoria é atribuída aos comunistas. No *Boletim Comunista aos trabalhadores do campo, vítimas da seca e de outros flagelos*, se encontra:

*Vosso caminho só pode ser o caminho das lutas, o caminho dos camponeses de Uruoca que atacaram um trem e tiraram dezenas de sacos para saciar a fome de suas famílias. O caminho dos trabalhadores de Tauá, Pedra Branca e outros municípios que se uniram e obrigaram as autoridades e os coronéis a lhes dar alimentos e trabalho remunerado. (...) não deveis ficar esperando por promessas, se os “coronéis”, os prefeitos municipais e chefes de serviços não vos atenderem com a rapidez que a vossa fome exige, deveis passar imediatamente a agir com vossas próprias forças, tomando alimentos, tecidos, remédios e outros recursos dos grandes comerciantes do lugar dos “coronéis” e do próprio prefeito*¹⁹.

Se o boletim foi realmente produzido pelos comunistas, não encontrei confirmação. Contudo, o que mais interessa neste fato é compreender os interesses envolvidos na sua divulgação. Os Círculos exigiam dos governos, providências que pudessem solucionar os problemas dos agricultores atingidos pelas secas. Para fundamentar a urgência na adoção dessas medidas e justificar a preocupação dos dirigentes circulistas, apontaram para o “*perigo vermelho*” que, aproximando-se dos trabalhadores do campo, incitavam-no à luta, a atentarem contra a propriedade e a promoverem a desordem. Alertam também para o fato de que os comunistas mudam de tática, saindo dos grandes centros urbanos e indo para a zona rural, utilizando a luta pela reforma agrária como catalisador. Assim, aproveitando-se das precárias condições em que se encontravam os trabalhadores do campo, punham em prática o programa comunista.

Tendo em vista a ofensiva comunista no meio operário, o III Congresso direciona-se também para a sindicalização dos trabalhadores circulistas. A recomendação do arcebispo D. Antônio de Almeida Lustosa era possibilitar a formação de Círculos Operários em todas as paróquias, pois, adverte o arcebispo:

¹⁸A FORTALEZA, ano VIII, n. 388, 06 dez. 1958.

¹⁹A FORTALEZA, ano III, n. 125, 21 abr. 1953.

Em torno do operário agitam-se numerosos e graves problemas. Alguns desses problemas interessam sobretudo ao próprio operariado; outros são do interesse da coletividade. Problemas domésticos e sociais. Problemas que não passam além do bairro proletário, algumas vezes, mas que tomam caráter internacional, outras vezes²⁰.

Em 1953 as organizações vinculadas à Igreja Católica no Ceará, aderiram à Cruzada Brasileira Anti-Comunista, dirigida, em âmbito nacional, pelo Almirante Carlos Penha Botto, congregando militares, civis e eclesiásticos. Os Círculos Operários prepararam protestos e passeatas anticomunistas. O auge dessas atividades foi o dia 25 de março, quando a Federação dos Círculos Operários do Ceará orientou os circunistas a organizarem festejos em comemoração à libertação dos negros escravos no Ceará, e promoverem atos em prol do expurgo do comunismo que, para eles, significava a escravidão da pátria.²¹ O órgão da imprensa circunista cearense ufana-se com a adesão que a campanha vem recebendo no Ceará, afirmando que:

Os circunistas de todo o Brasil e, sobretudo, os do Ceará, inscrevem-se, sem a menor dúvida, na vanguarda deste exército de salvação nacional, na certeza de que estarão cumprindo para com a terra do seu berço o mais sério e mais sagrado dos deveres²².

A tática para afastar os trabalhadores do comunismo era essencialmente simples. A arregimentação seria realizada em duas etapas: primeiro trazê-los para o Círculo Operário, onde construiriam e fortaleceriam sua formação moral, baseada nos valores cristãos, para, em seguida, levá-los ao Sindicato, já “ímmunes” aos princípios defendidos pelos “seguidores de Moscou”. Para incutir no espírito dos trabalhadores a idéia de que o sindicato poderia e deveria ser uma organização seguidora dos preceitos cristãos, divulgavam continuamente a mesma mensagem: “o *SEU SINDICATO só poderá representar SEU PENSAMENTO, se você fizer ouvir a SUA VOZ dentro dele. Circunista, ingresse em seu sindicato.*”²³

Os últimos anos da década de 1950 já prenunciavam as agitações políticas verificadas nos anos posteriores. A seca de 1958 abalou severamente o quadro social das unidades circunistas, principalmente as que se localizavam no interior

²⁰CIRCULAR Nº 110 de D. Antônio de Almeida Lustosa, por ocasião do III Congresso dos Círculos Operários no Ceará. Divulgada n'A Fortaleza, ano III, n. 109, 21 dez. 1952. Suplemento.

²¹A FORTALEZA, ano II, n. 76, 05 abr. 1952. A Federação dos Círculos Operários recebeu telegramas confirmando a realização do ato em comemoração a libertação dos escravos e repúdio ao comunismo, dos seguintes Círculos do interior do Estado: São Benedito, Sobral, Tauá, Chaval, Cariús, Acaraú, Barbalha, Ipueiras, Santanópolis, Lavras da Mangabeira, Limoeiro do Norte, Campos Sales, Acopiara, Juazeiro, Redenção, Pacajús, Icó, Licânia, Solonópolis, Massapé, Jaguaribe, Inhuçu, Coreaú, Jardim, Tianguá e Maranguape.

²²A FORTALEZA, ano II, n. 76, 05 abr. 1952.

²³A FORTALEZA, ano IV, n. 164, 24 jan. 1954.

do Estado. Em algumas ocasiões, observei queixas, lamentos e reclamos sobre a situação dos trabalhadores do campo. Os relatórios anuais enviados pelos Círculos Operários à Federação revelavam redução do número de associados, inadimplência, redução dos serviços assistenciais prestados aos sócios e fechamento de núcleos circulistas. Mesmo em face da sombria realidade vivenciada pelas unidades circulistas no Ceará nos períodos de grave crise econômica, não há prenúncio de falência do movimento. Observando a ação circulista nestes momentos, percebe-se com nitidez o redobrado esforço dos circulistas para manter as organizações em funcionamento, mesmo que de forma precária. Várias são as atividades revitalizadoras do circulismo programadas para dar uma resposta contundente aos desafios que enfrentam no plano externo e interno. Exemplo disso foi a realização do *Tríduo Circulista no Crato*, entre os dias 11 e 13 de dezembro de 1958, com a finalidade de “*dar maior incremento a vida circulista e estudar renovações a ser introduzidas nos seus quadros sociais.*”²⁴

O VII Congresso Nacional dos Círculos Operários, realizado em 1957 reflete o redirecionamento do programa circulista cerense para o meio rural. A tese “*Desenvolvimento dos Círculos Operários Rurais*”, apresentada pela Federação do CC.OO do Ceará, neste Congresso ganhou adesão de outras federações e resultou na aprovação de resoluções que requeriam mudança na regulamentação de unidades circulistas rurais pela CNCO, uma vez que essa era uma nova modalidade de Círculos Operários. Da tese sobre Círculos Operários rurais, o Congresso resolveu dentre outras questões:

1 – Aconselhar a incentivar a formação, com urgência, dos círculos ou núcleos rurais, atendendo sempre as particularidades regionais; regendo-se aos mesmos círculos rurais de acordo com os estatutos dos círculos operários.

*2 – Autorizar a Confederação Nacional dos círculos operários a regulamentar as particularidades dos círculos rurais, de acordo com a tese e com outras propostas encaminhadas a mesa do congresso*²⁵.

O VII Congresso Nacional apresentou as novas demandas do circulismo e a crescente necessidade de inserir o movimento nos debates sobre os problemas que afligiam os trabalhadores, especialmente aqueles que viviam no meio rural. A reforma agrária foi não apenas abordada, mas definiu-se uma posição em sua defesa como meio de promover a justiça social, libertando os trabalhadores do campo de um “*regime quase servil*”. Outro ponto de grande interesse dos congressistas era a criação de cursos para a formação de líderes. Os cursos deveriam ter uma parte técnica e outra formativa. Nesta última, seriam instruídos na “*prática de liderança, noções de economia política, noções de direito constitucional, e política internacional, prática*

²⁴A FORTALEZA, ano VIII, n. 388, 06 dez. 1958.

²⁵Conclusões das Teses do VII Congresso Nacional dos Círculos Operários – CNCO. Arquivos: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

*de democracia, sindicalismo, doutrina social e moral, técnica de jornalismo, crítica ao marxismo e comunismo*²⁶.

O que se presenciava, neste contexto da década de 1950 era uma mudança de rumo nos projetos da Igreja Católica no campo social. Essa transformação era bastante visível no Nordeste, quando os bispos da região passaram a discutir programas de desenvolvimento econômico para a região, reforma agrária, projetos de educação para reduzir o analfabetismo e sindicalização rural.

Para Scott Mainwaring, a Igreja assume nesse momento um projeto reformista, fruto das transformações ocorridas tanto no Brasil quanto no plano internacional, com os novos posicionamentos da Sé Católica, especialmente no pontificado de João XIII que põe a Igreja Católica “... mais em sintonia com o mundo secular moderno, comprometida em melhorar os destinos dos seres humanos na Terra e em promover a justiça social”²⁷. Portanto, conceber as mudanças operadas na Igreja Católica é condição importante para empreender uma análise mais profunda da ação circulista e as alterações em sua trajetória, tendo em vista que esta foi a instituição que lhe forneceu as matrizes doutrinárias e orientou sua práxis no meio operário. Assim, ao tratar da preocupação do circulismo com o movimento sindical, enfocando a década imediatamente anterior ao golpe de 1964 é necessário, sobretudo, compreender as mudanças que vinham se processando na Igreja Católica no tocante a visão sobre o mundo do trabalho e a questão social, acentuando e exacerbando o tom anticomunista de sua ação político-pastoral.

Na Assembléia Geral dos Círculos Operários do Ceará ocorrida entre 24 e 26 de fevereiro de 1961, três importantes resoluções são aprovadas: Círculos e Federação trabalhariam em conjunto para promover no mais curto espaço de tempo a sindicalização dos sócios circulistas; realização de cursos intensivos nas diversas regiões, visando a formação de líderes e, por último, a canalização de esforços para instituir Departamentos rurais nos círculos operários. Das deliberações da Assembléia, depreende-se que o movimento circulista cearense centrava, nesse momento, seus esforços em duas frentes: a sindicalização dos trabalhadores e o acompanhamento sistemático das organizações circulistas do meio rural. Os Círculos Operários situados na Capital, demonstrando preocupação com o trabalhador rural, criam núcleos onde pudessem agremiar os sócios circulistas que desenvolviam atividades no campo. Em junho de 1961, o Círculo Operário de Antônio Bezerra (bairro de Fortaleza) funda o seu Núcleo Rural.

A Federação dos Círculos Operários no Ceará (FCOC) resolve intensificar o trabalho do Departamento Sindical para promover a sindicalização dos trabalhadores rurais. A *Fortaleza*, com o propósito de pôr em guarda as lideranças do movimento e ainda contar com o apoio dos patrões, alardeia sobre os perigos das ligas camponesas orientadas por Francisco Julião que estenderam seu raio de ação a outros estados do Nordeste, no processo de arregimentação dos trabalhadores rurais. Assim, era necessário e urgente que os sindicatos que porventura viessem a se constituir, estivessem sob a orientação “*cristã e sadia*” do circulismo. Nas Dioceses foram

²⁶Conclusões das Teses do VII Congresso Nacional dos Círculos Operários...

²⁷MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: editora Brasiliense, 1989.

critérios escolhidos os vigários que cuidariam da sindicalização rural, de forma que, em todo o Estado, os “*partidários de Moscou*” encontrassem fortes obstáculos à organização de sindicatos.

A pesquisa de Ochoa,²⁸ tratando a respeito da sindicalização dos trabalhadores rurais no Ceará, aborda a participação de diferentes grupos que disputavam a organização desses sindicatos. Nesse trabalho, os depoimentos de lideranças que atuavam no movimento sindical fornecem indícios significativos do trabalho desenvolvido pela Igreja Católica através dos Círculos Operários no processo de sindicalização. Os círculos participaram ativamente dos eventos que objetivavam articular o projeto de sindicalização dos trabalhadores rurais. Por ocasião do I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas realizado em Belo Horizonte em 1961, delegados dos círculos operários e da FALTAC (Federação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará) estiveram representando os trabalhadores cearenses. O resultado mais visível desse encontro foi o fortalecimento do movimento em prol da sindicalização rural. A participação dos circunistas no conclave evidencia a influência e o peso das suas organizações junto aos trabalhadores. Apesar da necessidade de aliança entre os Círculos Operários e a FALTAC, havia uma mútua desconfiança em torno dos interesses e rumos que cada uma das organizações pretendia dar ao movimento sindical rural. Os Círculos primavam pela constituição de sindicatos que fossem receptivos aos princípios cristãos, congregando todos os “*homens de boa vontade*”. Por outro lado, as associações que integravam a FALTAC não viam com bons olhos a presença de grandes proprietários de terra nos Círculos Operários e temiam a influência dessas pessoas na organização dos sindicatos.

A investida da Igreja Católica na sindicalização rural logrou êxito durante a gestão do Deputado Franco Montoro²⁹ à frente do Ministério do Trabalho no governo de João Goulart. As organizações que estavam sob a influência da Igreja, recebiam sem maiores obstáculos a carta sindical. Entretanto, os sindicatos que recebiam orientação dos grupos de esquerda encontraram fortes barreiras no processo de legalização. Esse quadro de dificuldade é atenuado quando Almino Afonso substituiu Franco Montoro no Ministério do Trabalho. O depoimento de José Leandro que era liderança sindical vinculada ideologicamente aos grupos de esquerda mostra o diferenciado tratamento que os dois ministros dispensaram aos sindicatos orientados pela Igreja e aqueles organizados pela FALTAC:

Naquela época para se fundar um sindicato no campo era preciso reunir um terço da categoria e isso não era possível, reunir um terço! Entretanto, havia um segredo que nós não sabíamos, que não descobrimos, que havia no país um grupo de... junto à Igreja, que era representado por

²⁸OCHOA, Maria Glória Wormald. *As origens do movimento sindical de trabalhadores rurais no Ceará 1954-1964*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Stylyus Comunicações, 1989.

²⁹Franco Montoro era um entusiasta da Ação Católica. Membro da Liga Universitária Católica (LUC) e um dos fundadores da Juventude Universitária Católica (JUC). Ver: Brasília. *Franco Montoro / ensaio introdutório e seleção de textos por Jorge da Cunha Lima*. Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009. 350 p. (Série perfis parlamentares; n. 54)

Dom Scherer no Rio Grande do Sul, pelo Pe. MeLo e Crespo e Dr. Moura em Pernambuco e por Dom Eugênio e Julieta Calazans, em Natal. Esses grupos tentavam fundar sindicatos com a intenção de se antecipar na fundação da Confederação Nacional de Trabalhadores Agrícolas. Então, nós sabíamos disto e trabalhávamos com vontade. Mas não se conseguia descobrir o segredo de como fundar sindicato. Nós sabíamos que o clero, a Igreja, os padres aqui fundaram só na região do Cariri, chegaram a fundar 14 sindicatos e fundaram mais um grande número de sindicatos em outras paragens. E nós só chegamos a fundar sindicatos quando entrou no Ministério do Trabalho o Ministro Almino Afonso, foi ele quem publicou uma portaria facilitando, com todas as facilidades para a fundação dos sindicatos das Federações e Confederações³⁰.

O jornal *A Fortaleza* divulga que o I Congresso de Trabalhadores Rurais do Norte e Nordeste, realizado em 1962, em Itabuna – Bahia, teve importantes desdobramentos. Os congressistas aprovaram uma Carta de Princípios na qual os camponeses reivindicavam serem ouvidos na elaboração e aprovação da reforma agrária e ainda “...à necessidade urgente da sindicalização rural como última esperança de libertação do homem do campo”³¹.

Embora o ministro Franco Montoro não tenha comparecido ao evento, enviou representante do Ministério, conduzindo 23 cartas sindicais, reconhecendo as entidades de camponeses já existentes. O artigo evidencia que havia uma expectativa dos congressistas acerca da portaria “...que viria enquadrar esses sindicatos em pé de igualdade com os trabalhadores urbanos, dando-lhes ampla autonomia - exatamente o que os trabalhadores rurais defendem na Carta de Princípios”³².

Para executar o projeto de sindicalização dos trabalhadores rurais a ação circulista era demasiada intensa e articulava diversas organizações que comungavam com os princípios basilares de sua doutrina. Não se tratava, nesse momento, de investir na fundação de Círculos Operários, pois o número dessas organizações no Ceará colocava o circulismo numa posição bastante confortável. Era imperioso e vital fortalecer-los e instruir suas lideranças para a arregimentação dos trabalhadores no sindicato, pois que, neste momento o sindicato era concebido como a via de libertação dos trabalhadores, instrumento capaz de assegurar direitos trabalhistas que possibilitaria resgatá-los da situação de miséria em que viviam. Partindo dessa compreensão, os Círculos Operários no Ceará promoveram junto com sindicatos, associações e agremiações de orientação católica, grandes eventos públicos para assinalar o início de “*uma nova era*” na organização dos trabalhadores.

³⁰Apud OCHOA, *As origens do movimento sindical...*

³¹A FORTALEZA, ano XI, n. 493, 03 jun. 1962.

³²A FORTALEZA, ano XI, n. 493, 03 jun. 1962.

Uma grande concentração na tarde de 31 de maio de 1962 marca o lançamento de um movimento que vinha se constituindo gradativamente, e cuja articulação estava a cargo da Federação dos Círculos Operários do Ceará. Um dos momentos marcantes da concentração foi o lançamento do *Manifesto dos Trabalhadores*. A coordenação do evento convidou todos a ficarem de pé para prestarem um juramento “...de tudo fazer para a observância e o cumprimento do manifesto,” explicando que a partir desse momento tinha início “... um movimento que visa apresentar o espírito cristão do trabalhador cearense, conferindo-lhe a autenticidade de classe integrada na fé e nas tradições de todo o povo brasileiro”³³.

O Trabalhador Unido surge num período em que as lutas entre os grupos que disputavam o movimento sindical se tornavam cada vez mais acirradas. Porém o fator que especialmente concorreu para a sua criação foi o anticomunismo propagado pelos setores conservadores, que almejava alcançar dois principais objetivos: congregar diferentes agremiações cumulando forças para disputar com os grupos de esquerda o movimento de sindicalização urbana e rural e, formar uma frente ampla que deveria atuar como trincheira de combate ao comunismo. No Manifesto aos Trabalhadores³⁴ o TU apresenta uma análise da situação social e política nacional, conclamando os trabalhadores cristãos a se unirem sob uma bandeira “...destinada a ajudar na construção da paz e de uma pátria engrandecida, sob o império da justiça social.” Os quatorze pontos que compõem o Manifesto, expressam o repúdio a luta de classes, tecem críticas ao liberalismo econômico e ao capitalismo em razão da acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria, repudiam o socialismo considerado “...um monstro mais terrível” que o capitalismo, afirmam-se nas encíclicas sociais como fundamento que norteará a ação do TU e por fim proclamam que *A Grande Causa* deve ser abraçada por todos os trabalhadores:

*(...) Unamo-nos e associemo-nos em nossas sociedades, em nossos clubes, em nossos sindicatos e batalhemos pela causa comum. (...) No meio dessas angústias, nós, os trabalhadores do Ceará, ouvimos o apelo dos pontífices. Então por intermédio da Federação dos Círculos Operários, conclamamos para uma nova cruzada todos os homens e mulheres que trabalham. Lutemos pela nova ordem social e cristã! Bem sabeis o que vos aguarda. Haverá duros embates, mas as bênçãos de Deus transformarão os nossos e os vossos sofrimentos em galardão. Assim como de hidras e quasímodos o Gênio faz obras de beleza monumental, assim as nossas dores e humilhações serão transformadas, algum dia, no esplendor de uma Grande Aurora. Trabalhadores de todas as profissões, unamo-nos em defesa da Grande Causa*³⁵.

³³A FORTALEZA, ano XI, n. 493, 03 jun. 1962.

³⁴*Manifesto dos Trabalhadores – Federação dos Círculos Operários do Ceará*. Em 31 de Maio de 1962. Arquivo – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

³⁵*Manifesto dos Trabalhadores...*, p. 09. O Manifesto inicia com um apelo aos *Trabalhadores do*

Nesse momento, os Círculos Operários iniciam uma marcha junto com outras agremiações sob a insígnia do *Trabalhador Unido*, objetivando principalmente fortalecer o anticomunismo. Convém assinalar que os Círculos não apenas compuseram o movimento, mas deram-lhe orientação e direção. Outra inferência que se pode fazer, após observar a articulação desse novo movimento gestado sob a direção da FCOC, é que a Igreja Católica fortalece sua ação junto às classes trabalhadoras via Círculos Operários. Para dar maior visibilidade ao movimento no Ceará e articular-se com outras organizações em nível nacional, o *Trabalhador Unido* envia dois representantes para o II Encontro Sindical Nacional de Trabalhadores Democráticos, no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1962. Os delegados do TU foram ainda incumbidos da missão de apresentar no Encontro, o Manifesto aos Trabalhadores lançados em 31 de maio e divulgar o jornal *A Fortaleza*. No mesmo período, ocorre em São Paulo a IV Convenção Sindical Nacional, organizada por entidades de orientação nacionalista e outras vinculadas aos socialistas e comunistas do PCB. Acusados pela Convenção Sindical Nacional de promoverem a divisão entre os trabalhadores, os congressistas se defenderam apresentando as razões do Encontro e suas finalidades. Manoel Cavalcante, dirigente da *União dos Presidentes Circulistas de Fortaleza* e um dos representantes do TU, assim se manifestou acerca do evento:

*O Encontro representa o fortalecimento dos ideais democráticos da maioria esmagadora do operariado brasileiro orientado para sua unificação nacional e não para sua divisão, como foi acusado pelos comunistas que promoveram simultaneamente um encontro em São Paulo. O Congresso significa uma repulsa ao comunismo, representa o ideal de separar o joio do trigo, foi a demonstração de que os trabalhadores têm a consciência de não ter nada a ver com a ideologia contrária ao espírito cristão e democrático do povo*³⁶.

O ano de 1962 foi marcante para os Círculos Operários cearenses. A participação em eventos estaduais e nacionais é um demonstrativo da efervescência do movimento e do empenho em pôr em execução um novo programa junto às classes trabalhadoras. Esse novo programa exigia novas práticas e formas de atuação. Requeria a constituição de alianças, fortalecimento das bases circulistas e maior preparo das lideranças. A participação no VIII Congresso dos Círculos Operários em São Paulo em julho de 1962, reforçou a necessidade de discutir os problemas enfrentados pelos trabalhadores, mas, para além do debate, era imperioso apresentar soluções factíveis e que não se desviassem dos ensinamentos doutrinários das encíclicas sociais. No final do Congresso, foram aprovados e divulgados os seguintes

Ceará, em seguida aborda os seguintes temas: *Ciência e Consciência, O pensamento Cristão, As Encíclicas, Unidade do Pensamento Pontifício, Liberalismo Econômico e Capitalismo, O Socialismo, O Indivíduo e a Sociedade, Família e Divórcio, O Homem e a Empresa, Desníveis da Estrutura Social, Reforma Agrária e Propriedade Privada, Compromisso Social Cristão e A Grande Causa.*

³⁶A FORTALEZA, ano XI, n. 496, 01 set. 1962

documentos: a *Declaração de Princípios*, um *Programa de Reivindicações* e um *Plano de Ação* que deveriam fundamentar e nortear a ação circulista em todo país. Especificamente sobre a questão sindical e a relação sindicato e Círculos Operários foi definido no Programa de Reivindicações que:

*Tendo os círculos operários como finalidade primordial a promoção da classe trabalhadora, seria inconcebível o seu alheamento dos sindicatos que são, por força de lei, os órgãos representativos das diversas categorias profissionais. Assim sendo, recomendamos que os círculos operários promovam campanhas no sentido de sindicalizar os trabalhadores circulistas. Estes deverão ser preparados a fim de explicarem nos seus sindicatos os postulados fundamentais da Doutrina Social Cristã, única bandeira segura e democrática para a redenção da classe trabalhadora*³⁷.

As orientações não se resumem à sindicalização dos circulistas. Impõem a necessidade de instruí-los nos mesmos postulados cristãos que subsidiavam os Círculos. Não se tratava de constituir sindicatos confessionais, mas formar as lideranças para atuar em seu meio. Preparando-se para a luta ideológica o TU, estimulado pelas determinações do VIII Congresso, organiza um Curso de Líderes Democráticos, instalado na primeira quinzena de outubro de 1962. Ainda em outubro deste ano, o Padre Pedro Veloso, Assistente Eclesiástico da Confederação Nacional dos Círculos Operários (CNOC), veio à Fortaleza para contactar todos os Círculos Operários e planejar a execução das deliberações do VIII Congresso. Percebe-se, pois, que no caso do Ceará, o Plano de Ação aprovado pelo Congresso entraria em pleno funcionamento em face não apenas do vigor dos círculos operários deste Estado, como do interesse da CNCO em dinamizá-lo.

Em conformidade com as resoluções da CNBB sobre a criação de órgãos especiais que se encarregassem da sindicalização rural e questões correlatas, o arcebispado de Fortaleza reuniu em setembro de 1963, lideranças sindicais católicas para apresentar e discutir o projeto de criação da Fundação João XXIII.³⁸ Como deveria responder pela sindicalização do proletariado urbano e rural, o órgão seria constituído de duas divisões: uma urbana e outra rural. Nessa última estaria integrada a Divisão de

³⁷VIII Congresso Nacional dos Círculos Operários – Programa de Reivindicações. Arquivo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Limoeiro do Norte.

³⁸N^o A Fortaleza, XII, n. 566, 29 dez. 1963, foi registrada a presença das lideranças: “Padres Arimatéia Diniz e Joaquim Dourado, Assistentes da FCOC; Adauto Fernandes de Oliveira, Presidente da FCOC; Hermenegildo Barroso de Melo, Presidente do Sindicato dos Comerciantes; José Moreira Leitão, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Curtimento de Couro e Peles; Francisco Pereira de Freitas, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Sal de Fortaleza; Pedro Guedes, Presidente do Sindicato dos Arrumadores de Carga de Fortaleza; Raimundo Alves de Lima, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Óleos Vegetais; Paulo Martins da Silva e Pedro Monteiro da Silva, Presidente e Tesoureiro, respectivamente, do Sindicato dos Mestres e Contra-Mestres na Indústria de Tecelagem e Fiação de Fortaleza e os representantes dos CC.OO de Fortaleza, Piedade, Nazaré, Antônio Bezerra, Floresta, Porangabuçu, Parangaba e Pirambu.

Sindicalização Rural. Ao perceber o perigo vermelho e sensibilizado com a gravidade da questão social, o clero cearense, assim como de outros estados da federação, foi diligente na tarefa de sindicalização rural. Manoel Correia de Andrade assim analisa a questão:

Partem os padres com tanta ênfase para a sindicalização dos trabalhadores do campo que acreditamos hajam eles compreendidos que, se a Igreja continuasse a desdenhar os problemas terrenos, perderia o apoio do homem do campo, justamente aqueles junto a quem ela tem maior influência³⁹.

Com base nas investigações realizadas em arquivos públicos e particulares, esquadrinhando os percursos dos círculos operários no Ceará, suas alianças e confrontos, podemos afirmar que a Igreja Católica teve um peso relevante na organização sindical no Ceará, de modo particular entre os trabalhadores do campo. O receio de um grande levante camponês no Nordeste pôs em marcha esses setores, incluindo aí o clero católico – dividido entre progressistas e conservadores – cuja preocupação era oferecer uma resposta para os problemas do campo, enfrentando a radicalização de alguns setores de esquerda, entre eles o PCB.

No que concerne aos instrumentos para que essa ação pudesse ser coroada com êxito, foi inconteste a atuação dos círculos operários. O peso e relevância dos circulistas como aliados e colaboradores da Igreja Católica no Ceará forneceram-lhe as bases seguras para sua inserção no campo da arregimentação, orientação e organização dos trabalhadores fundada nos princípios da doutrina social católica. Essas organizações desenvolveram um trabalho que em longo prazo, especialmente no campo da educação, influíram de maneira peculiar, demonstrando grande habilidade na execução de programas destinados a formação das lideranças que atuariam no movimento sindical nos anos subseqüentes.



³⁹ANDRADE, Manoel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 8ed. São Paulo: Cortêz, 2011.

RESUMO

O presente artigo aborda os projetos de intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho, de modo particular, àqueles direcionados à arregimentação, direção e organização dos trabalhadores rurais no Ceará. Trata ainda da disputa desta instituição com os grupos e partidos de esquerda no controle e direção do processo de sindicalização dos trabalhadores durante os anos 1950 e início da década de 1960, quando a agitação social em torno da questão agrária assumiu proporções assustadoras para os setores mais conservadores da sociedade brasileira. Para pôr em marcha uma ação eficaz que pudesse promover melhoria das condições de vida para os trabalhadores rurais e ao mesmo tempo garantir a harmonia social, a Igreja Católica acenou para as organizações católicas, entre elas os círculos operários que serão a presença segura e determinada da Igreja Católica no seio dos trabalhadores rurais cearenses e de outros estados da região Nordeste. O confronto entre os membros do clero católico conservador que orientava a ação circulista no meio rural e os “*inimigos vermelhos*” como eram adjetivados os comunistas ocorreu durante todo o processo. Temendo a expansão das Ligas Camponesas, o circulismo cearense alçou alto a bandeira do anti-comunismo tencionando impor um dique à infiltração do PCB e às idéias revolucionárias, contrárias a ordem social e a harmonia entre os homens, conforme orientação das encíclicas sociais.

Palavras Chave: Igreja Católica; Círculos operários; Trabalhadores rurais.

ABSTRACT

The present article discusses the intervention projects of Catholic Church in the world of work, in particular, those aimed to regimentation, direction and organization of rural workers in Ceará. It also discusses the dispute of this institution with leftist groups and parties about the control and direction of the workers unionization process during the 1950s and early 1960s, when social unrest around the land question had assumed frightening proportions for the most conservatives sectors in Brazilian society. In order to set an effective action that could promote better living conditions for rural workers and consequently ensuring social harmony, the Catholic Church mobilized Catholic organizations, including circles of workers that turned to be the safe and given presence of Catholic Church in the heart of rural workers from Ceará and others states of the Northeast. The confrontation between the conservative Catholic clergy members, who guided the circulista action in rural areas and the “red enemies”, as the Communists were named, occurred throughout the process. Fearing the spread of the Peasant Leagues, the Ceará circulismo lifted a high banner of anti-communism, with the purpose to bar the PCB’s infiltration and revolutionary ideas, that were contrary to the social order and harmony among men, according to the orientation of social encyclicals.

Keywords: Catholic Church; Workers’ circles; Rural workers.